



HAN, Byung Chul. *Sociedade da Transparência*. Tradução de Enio Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

Vilmar Dal Bó*

Byung-Chul Han é uma das vozes filosóficas mais inovadoras da atualidade. Nasceu na Coreia, mas fixou-se na Alemanha, onde estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se em Friburgo com uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente, é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim e autor de diversas obras, dentre elas, cita-se *Sociedade da Transparência*, publicada pela editora Vozes, em 2017, e, em 2020, o texto supramencionado chega à quinta reimpressão. A obra é composta por nove capítulos:

No primeiro capítulo – *Sociedade positiva* –, o autor afirma que a sociedade da transparência se configura como uma sociedade positiva, ou seja, aquela que tenta eliminar o momento dialético e a hermenêutica da realidade. Na sociedade positiva, busca-se aquilo o que é imediato, e que se dá inteiramente de uma vez, ou seja, aquilo que pode ser desnudado e consumido em sua totalidade. A sociedade positiva e que pretende ser transparente ao extremo é uma sociedade que produz excesso de exposição e de consumo do exposto. Caracteriza-se como uma sociedade pornográfica em que não há espaço para a negatividade, o mistério, e o silêncio. Em nome da transparência, tudo é convertido em consumo e controle. Impera, portanto, a realidade dos algoritmos que invadem, vigiam e governam.

No segundo capítulo – *Sociedade da exposição* –, o autor trata da eliminação da esfera privada. Ou seja, da necessidade da exposição e de

* Doutorando em Ciências Econômicas e Políticas pelo Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Val D'Arno, Itália; Mestre em Estudos Políticos e Moral Social, Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Val D'Arno, Itália (2014); Bacharel em Teologia, Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis (2011); Engenheiro de Produção, UNISUL, Florianópolis (2005). Professor da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC). Coordenador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Teologia, Sociedade e Comunicação. Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

E-mail: vilmardalbo@gmail.com



compartilhamento dos momentos vividos como se tudo fosse um objeto-propaganda. Com a tentativa de eliminar o sagrado, o mistério, e o véu que envolve o homem e as realidades humanas, impera a necessidade de em tudo se expor. Quanto mais exposto, quanto mais despido, quanto mais desvelado e mais consumido, acredita-se que mais transparente é a sociedade. O excesso de exposição caracteriza uma sociedade da pornografia. Tudo se reduz ao seu preço e a um valor mercadológico. Na sociedade da exposição, pressupõe-se a eliminação do sagrado e da ética, pois estes não se submetem às categorias de mercado.

A Sociedade da evidência, título do terceiro capítulo, aborda a necessidade de eliminar tudo o que é oculto e misterioso em nome da transparência, isto é, a sociedade da evidência é a sociedade pornográfica: do explícito e do evidente. Quanto mais as coisas se tornam expostas, evidentes, desejadas e consumidas, mais enquadram-se em uma lógica da transparência. Assim, o autor reforça que o erótico pressupõe negatividade, imaginação, mistério, sigilo, ocultamento – enquanto o pornográfico preconiza exibição, exposição, evidência e consumo imediato.

No quarto capítulo – *Sociedade pornográfica* –, Byung afirma que, no centro da sociedade pornográfica, está a perda da vergonha. No mundo moderno, nesse sentido, as intimidades são expostas, leiloadas, vendidas, consumidas. Há um mercado em que a nudez se torna objeto de publicidade. Ainda, o pudor da nudez dá espaço para a coragem expositiva. O valor da exposição é a medida de tudo. Na sociedade pornográfica, o objetivo é perder a vergonha: a transparência justifica a exposição excessiva. Portanto, não há mais vergonha, tudo é revelado, tudo é exposto, tudo é evidente, em tudo há uma medida e um preço, tudo é consumido.

O capítulo quinto é destinado à *Sociedade da aceleração*. Nesta parte do texto, Han faz um alerta para a sociedade da hiperatividade e da hiperprodução. Como não há mais tempo para a negatividade e tudo é positividade, caminha-se para a massificação dos protocolos, dos procedimentos, das certificações, e das regulamentações. A sociedade da aceleração cria um modelo social de excesso de positividade. Uma sociedade cansada. Com isso, fragiliza-se o espaço dos ritos na vida das pessoas, a capacidade de memória, e o simples ato de parar para “estar juntos” torna-se algo estranho ou incômodo.

A Sociedade da intimidade é o título do sexto capítulo. A partir do capítulo em pauta, o autor apresenta o excesso de intimidade que força a transparência e destrói as interações sociais, os rituais e os eventos e



cerimônias formais. Tudo é transformado em informalidade, bastando apenas a transparência. Assim, analisa-se que o excesso de exposição de intimidade fomenta uma sociedade composta por narcisistas em busca de curtidas nas redes sociais. No mundo da transparência, quanto mais o íntimo é exposto, maior é a transparência e a visibilidade em rede. Delineia-se, portanto: a sociedade da intimidade é a sociedade da exposição – da intimidade vendida e paga com curtidas.

No sétimo capítulo, Byung apresenta a *Sociedade da informação*. O autor disserta acerca de uma sociedade marcada pelo excesso de informações e de narrativas. Uma guerra de narrativas, porém, despreocupada com a fonte ou a verdade irradiada por si. Para Byung, somente o vazio é totalmente transparente. Logo, a sociedade da informação é uma sociedade mais preocupada com a aparência, ou seja, com o canal no qual ela circula em detrimento da fonte que a irradia. É, portanto, uma sociedade vazia.

Ato contínuo, o oitavo capítulo intitula-se como *A Sociedade do descobrimento*. Nele o autor apresenta o processo de rasgar todos os véus, de trazer à luz e expulsar tudo o que é obscuro. Nada pode ficar oculto, sendo assim. Na contemporaneidade, entende-se a comunicação digital como penetrável inclusive nos ambientes mais sólidos. A transparência digital controla todos os movimentos. Tudo é descoberto. Tudo é rastreado. Tudo é invadido. Não há mais projeto de privacidade, haja vista toda privacidade se dar na transparência. Quem não se deixa invadir e não invade é descartado na lógica do descobrimento, que, em tese, é uma lógica pornográfica.

Sociedade do controle é o título do último capítulo. Han, por fim, trabalha o conceito de *panóptico digital*, em que, na sociedade moderna, não há necessidade de um vigia. Seriam, pois, as próprias pessoas, presas ao sistema, obrigadas a vigiar os demais e se autovigiar. Todos são expostos e todos são vigiados, corroborando para uma sociedade sem descanso. Nesse prisma, todos se expõem e se desnudam para poder sobreviver. Todos ficam transparentes expondo-se a exploração, para também, além de explorados, serem exploradores. Contudo, expõem-se e desnudam-se pensando viver a liberdade em potência máxima, mas, em verdade, estão presos dentro de um simulacro controlado, que, em nome da transparência, retira das pessoas e das relações o mistério maior de sua existência, e os aferroa em um sistema que faz da pessoa agressora e vítima ao mesmo tempo.



Para tanto, *A Sociedade da Transparência*, de Byung-Chul Han, revela traços de consonância com a reflexão sobre a crise do compromisso comunitário, elaborada pelo Papa Francisco no segundo capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013. Uma aproximação de dois pensadores que alargam a análise da sociedade contemporânea.